

O PROCESSO CATECUMENAL COMO UMA PRÁTICA PEDAGÓGICA

Mariana Parise Brandalise Dalsotto

Resumo

O presente texto resulta de uma pesquisa de mestrado em educação e busca apresentar o processo catecumenal como uma prática pedagógica. Este processo orienta a prática da catequese promovida pela Igreja Católica e pode mostrar sua relação com a prática pedagógica, através das diferentes concepções de educação e da reflexão sobre a educação não escolar, a qual pode ser considerada não-formal e informal. Pensando nos processos formativos do ser humano, o texto pretende abordar a educação fora da escola, especificamente os processos educacionais que perpassam a comunidade católica, através da catequese, considerando-a também um movimento social. Para pensar nesta perspectiva, busco aporte teórico de P. Freire (2000; 2005), A. Freire (2000, 2008), Gadotti (2007a; 2007b), Libâneo (2004), Severo (2015), entre outros, buscando identificar a catequese como processo formativo para a transformação dos sujeitos que aderem à religião católica.

Palavras-chave: Processo catecumenal; catequese; educação; formação; educação não-escolar.

Considerações Iniciais

Ao pensar na educação, é possível perceber que ela é um processo amplo e sua conceituação é complexa, pois é um termo de múltiplas definições, espaços e tempos. Também é possível observar que ela ocorre em todos os lugares e faz parte de um processo social, que ao longo do tempo permitiu que diferentes áreas a tematizassem e utilizassem. A educação ajuda a entender o contexto social em que se está inserido quando relaciona conteúdo e realidade, e busca a significação destes conteúdos para, a partir deles, propor a atuação crítica na sociedade.

Este olhar sobre a educação é permitido na medida em que a entendemos como sendo promovida pelas relações dialógicas que perpassam as vivências humanas. Para isso, tomamos o pensamento de Paulo Freire (2005) que trata a educação como uma prática libertadora, pela qual o homem se produz e reproduz, através destes processos dialógicos. Romão (2008, p.150) comenta que para Freire existem “formas diferentes de os seres humanos partirem do que são para o que querem ser”.

Nesse sentido, compreendemos o conceito de educação como um processo que pode ser institucionalizado ou não, mas que perpassa a todas as pessoas em diversos lugares.

Utilizamos também do pensamento de Libâneo (2004), o qual considera a educação como uma prática social que pode ter como agentes educativos variadas instituições e práticas, permitindo-nos, desse modo, pensar que há inúmeras formas de ensino e aprendizagem para além dos processos escolares.

Com o passar dos anos, a sociedade, as culturas, as práticas sociais se modificam e com elas todos os conceitos que envolvem as relações sociais. Com o conceito de educação não poderia ser diferente. Segundo Libâneo (2004), ocorreu uma ampliação neste conceito a partir de mudanças da sociedade, que diversificaram as relações e, com elas, as atividades educativas. Assim, é possível perceber que ocorrem “ações pedagógicas não apenas na família, na escola, mas também nos meios de comunicação, nos movimentos sociais e outros grupos humanos organizados em instituições não-escolares” (LIBÂNEO, 2004, p. 27).

Seguindo este pensamento, retomamos que Freire (2005) aponta a educação como uma relação dialógica que acontece entre as pessoas, mediatizadas pelo mundo, no contexto em que se encontram. Considera também que “o conhecimento é uma construção social”, conforme aponta Gadotti (2007a, p. 57), sendo produzido nestas relações dialógicas. Romão (2008, p. 152) complementa que para Freire a educação “é, ainda, práxis, isto é, uma profunda interação necessária entre prática e teoria”.

Gadotti (2007a, p.42) comenta, ainda sob a ótica emancipatória de Paulo Freire sobre o ensinar, que “educar é sempre impregnar de sentido todos os atos da nossa vida cotidiana. É entender e transformar o mundo e a si mesmo. É compartilhar o mundo: compartilhar mais que conhecimentos, ideias... compartilhar o coração”. Ao considerarmos este pensamento, nosso conceito de educação se coloca como sendo a ação de significar o mundo para poder atuar criticamente nele.

Isto faz com que o “lugar” da educação não seja limitado, mas sim um grande leque de possibilidades aberto em cada ação do dia-a-dia, nas interações com o mundo e com as pessoas. Como ainda afirma Gadotti (2007a, p. 82) “o ‘espaço escolar’ é mais amplo que a escola. Os novos espaços da formação (mídia, rádio, TV, vídeo, igrejas, sindicatos, teatros, empresas, ONGs, espaço familiar, internet...) alargaram a noção de escola e de sala de aula”.

Tendo estas ideias como pressuposto e pensando que a educação perpassa os interesses da sociedade – pois nela e a partir dela ocorre –, a educação é entendida como uma ação que beneficia o desenvolvimento dos indivíduos neste meio. Podem existir, então, variadas formas de educação proporcionadas por diferentes instituições que integram a sociedade.

Em outras palavras, por intermédio dos pais, dos adultos, dos professores, de variados grupos sociais, a educação mobiliza a atividade consciente e produtiva, tornando possível a realização das “possibilidades naturais” do ser humano. Nesse sentido, a educação opera uma mediação entre teoria e prática, entre o sujeito e sua interação com o meio ambiente. (LIBÁNEO, 2004, p.140).

Luchese (2008) complementa dando o mesmo sentido à educação ao abordar que, sendo o ser humano um ser social, é pelas interações que a sua identidade é construída e suas possibilidades de atuação na sociedade são percebidas, pois “através das relações socioculturais, cada um vai configurando identidades, percebendo-se como sujeito do processo histórico, como cidadão de direitos e deveres” (LUCHESE, 2008, p. 2). Nas relações em grupos, também acontecem processos formativos do ser humano e estes podem ser realizados em diferentes aspectos da vida.

Um exemplo é a formação religiosa (tema a ser debatido neste artigo), a qual ocorre principalmente pelo convívio de pessoas que tem a mesma crença e seguem uma mesma religião, participando da formação, dos ritos e cultos habituais dela. Este entendimento da religião como processo formativo será posteriormente discutido, principalmente no viés da Religião católica e da catequese como seu momento de formação do ser cristão, para atuação na comunidade. Neste momento, é importante novamente chamar atenção para o fato de que a educação aqui é concebida como

o conjunto das ações, processos, influências, estruturas, que intervêm no desenvolvimento humano de indivíduos e grupos na sua relação ativa com o meio natural e social, num determinado contexto de relações entre grupos e classes sociais. É uma prática social que atua na configuração da existência humana individual e grupal, para realizar nos sujeitos humanos características de “ser humano”. (LIBÁNEO, 2004, p. 30).

Sendo a educação uma prática social ampla, que aborda vários processos, e sendo a catequese uma iniciativa da comunidade católica para sua manutenção e renovação, consideramos também a catequese um movimento social que busca a atuação dos catequizandos na comunidade. Como Medeiros, Zitotski e Streck (2008, p. 277) no Dicionário Paulo Freire, definem o verbete Movimentos Sociais/ Movimento Popular como “uma grade escola para a vida: ao aprenderem, as pessoas vão mudando seu bairro, a sua cidade, o seu país”, penso que o objetivo da catequese é apresentar a cultura cristã aos catequizandos para que eles possam segui-la não só na catequese, mas na comunidade cristã e na sociedade como um todo. A intenção da catequese é que a formação para a fé, para a vida cristã que é nela abordada possa contribuir com a formação humana, onde a dimensão da espiritualidade e da fé se transformem em posturas coerentes com a ética cristã.

Os mesmos autores complementam que “é por esses caminhos que o Movimento Popular vai inovando a Educação” (FREIRE; NOGUEIRA, *apud*, MEDEIROS; ZITOTSKI; STRECK, 2008, p. 277). É através do aprendizado para a vida, aquele aprendizado que muda as pessoas e, por isso, o mundo ao seu redor, que a educação se aproxima dos movimentos populares, passando a ser também sua finalidade.

Assim, pensamos a catequese também como uma escola para a vida, que tem o objetivo de construir junto aos catequizandos um conceito de cristão para que estes assim o sejam, que tem o objetivo da aprendizagem para a vida cristã. Por meio da organização da comunidade cristã, do movimento que ela se propôs a fazer para apresentar sua crença e forma de vida a outras pessoas, foi se organizando para que fosse pensada a iniciação cristã, chegando ao modelo que hoje é indicado pela Igreja católica, que têm como inspiração o exemplo inicial de formação da comunidade cristã que era o processo catecumenal.

A transformação social pretendida pela iniciação cristã é que todos possam agir do modo com o qual Jesus Cristo agia, pensando nas pessoas mais necessitadas e nos oprimidos. Pensando também em como todos somos iguais ao olhar para a igualdade dos direitos que todos temos por sermos humanos e na igualdade de deveres que temos uns com os outros.

1. Catequese como processo educacional

Neste âmbito do processo de desenvolvimento pessoal, das relações sociais e culturais pensamos a educação como um processo que ocorre para além da escola, em diversificados momentos, lugares e ações. Estas ideias nos permitem abrir espaço para pensar no ensino não-escolar (informal ou não-formal).

Severo (2015) pensa a educação direcionando seu olhar para além da escola, entendendo que uma de suas modalidades é a não-escolar. O autor relaciona esta modalidade com o pensamento pedagógico e entende que este pode contribuir dando “um significado ampliado para a formação humana com base em processos de ensino e aprendizagem diversificados, complexos, dinâmicos e interconectados em espaços e tempos distintos da instituição escolar” (SEVERO, 2015, p.563). O autor afirma ainda que a forma não-escolar de educação está se tornando mais comum por que conta com processos institucionalizados por diferentes setores sociais. Retoma também que a Pedagogia é a ciência que pode auxiliar na construção de referenciais para que as práticas realizadas em espaços não-escolares possam tornar-se práticas pedagógicas.

Este pensamento pode auxiliar no esclarecimento do objetivo deste trabalho. Se as teorias pedagógicas podem ser utilizadas em espaços não-escolares para que as atividades educativas realizadas neles tenham seus objetivos formativos atingidos, estes conhecimentos podem ser aplicados à catequese, processo de formação do cristão, de educação para seus adeptos constituírem a vida cristã. Assim, nosso objetivo é potencializar os efeitos formativos da catequese, buscando relacioná-los com teorias educacionais. Isto seria possível transpondo as teorias educacionais para o campo da catequese no sentido de que esta seja também entendida como um processo educacional realizado pela Igreja Católica.

É importante abordar que a catequese segue uma metodologia, tem conteúdos-base retirados da Bíblia, é organizada em um tempo determinado pela Diocese¹ onde ocorre, tem objetivos definidos e um planejamento de encontros, atividades e ritos a serem realizados orientados pela Igreja Católica. Estas características e orientações serão abordadas posteriormente com maior atenção.

Também podemos pensar na justificativa para este texto ainda com o pensamento de Severo (2015, p. 571) quando este afirma que

partindo de uma conceituação acerca do que se configura como prática pedagógica, pretende-se ressaltar aspectos que evidenciam os potenciais que a pedagogia possui para, mediante a intervenção do pedagogo, imprimir sentido aos processos educativos não escolares, organizando-os por meio de uma abordagem complexa que compreende amplo espectro de variáveis relativas às fases que constituem esses processos e ao contexto histórico, cultural, social e intersubjetivo no qual estão inseridas.

A catequese é uma prática social e também é uma prática educacional não-escolar que pode servir-se deste pensamento pedagógico para atingir seus objetivos. Desta forma, pensamos a catequese como processo de inserção dos sujeitos na dinâmica da comunidade católica, da mesma forma que a educação é caminho para inserção na sociedade.

O aporte teórico educacional pode servir à catequese no que se refere a orientar e sistematizar sua prática buscando que esta possa servir para a construção da caminhada de iniciação cristã dos catequizandos. O uso deste aporte teórico é importante “para que a socialização de saberes e práticas culturais implique um contexto de maior participação e conscientização social” (SEVERO, 2015, p. 574). Outro ponto que permite pensar a catequese no âmbito da educação a partir da sua intenção de formação de sujeitos católicos é quando o

¹ Por Diocese entende-se a união de algumas paróquias de várias cidades próximas para atuação de um mesmo bispado.

mesmo autor define a educação não-escolar “como uma categoria temática que engloba práticas consideradas formativas situadas fora da escola” (SEVERO, 2015, p. 565).

Apesar de ser possível abordar muitos aspectos da educação para relacioná-los com a catequese, neste texto, vamos apresentar as características desta que a permitem ser entendida como um processo formativo dos cristãos-católicos. Este processo formativo ocorre fora da escola, podendo ser definido com o conceito de não-escolar, tendo como subcategorias a educação informal e não-formal.

Sobre a educação informal, Combs (*apud*, TRILLA, 2008) comenta que a esta refere-se a um processo que ocorre durante toda a vida através de suas experiências e relações, e a educação não-formal é uma atividade sistematizada que ocorre fora do ambiente escolar. A catequese é um processo educacional, não-escolar, que traz aspectos da educação informal ao tomar a participação e o testemunho da comunidade como processos educativos para a vida cristã. Mas também parte de processos de educação não-formal, visto que possui uma estruturação básica necessária e é orientada pela Igreja Católica (sua instituição mantenedora), ainda que sejam aspectos que podem ser flexíveis.

A catequese inspirada no processo catecumenal² tem a intenção de educar para a atuação na comunidade católica. Esta mesma comunidade é considerada muito importante para a educação na fé, para a formação de novos cristãos. Isto pode ser percebido através da leitura de documentos da Igreja Católica que orientam para a prática catequética, com estilo catecumenal. Neste ponto, podemos pensar o processo catecumenal como educação informal, na medida em que esta

corresponderia a ações e influências exercidas pelo meio, pelo ambiente sociocultural, e que se desenvolve por meio das relações dos indivíduos e grupos com seu ambiente humano, social, ecológico, físico e cultural, das quais resultam conhecimentos, experiências, práticas, mas que não estão ligadas especificamente a uma instituição, nem são intencionais e organizadas (LIBÂNEO, 2004, p. 31).

O aprendizado para a vida cristã (DGC, n. 30) é, na verdade, aprendizado para a vida em comunidade, e ao mesmo tempo a comunidade cristã é também educadora através de suas ações, participações em ritos e missas, convivência entre as famílias, etc. Esta aprendizagem que ocorre informalmente “resulta do ‘clima’ em que os indivíduos vivem, envolvendo tudo o que do ambiente e das relações socioculturais e políticas impregnam a vida individual e grupal” (LIBÂNEO, 2004, p. 90).

² Estes conceitos especificamente relacionados à catequese serão abordados de forma mais aprofundada posteriormente.

Por sua vez, a estrutura da educação não-formal se parece com a da formal, “porém tem maior flexibilização nos tempos e espaços, bem como nas mediações proporcionadas pelos conteúdos de aprendizagem” (STECANELA, 2008, p. 5). Da mesma forma, Libâneo (2004, p. 31) toma a educação não-formal como sendo “realizada em instituições educativas fora dos marcos institucionais, mas com certo grau de sistematização e estruturação”. Ainda, Severo (2015) e Trilla (2008) apontam a concepção de educação não-formal como atividades intencionais, sistematizadas e formalizadas que se realizam fora do espaço escolar.

A educação não-formal, ao se colocar em contextos diversificados, segundo Severo (2015, p. 570) “lida com uma pluralidade de saberes e formas de conhecimento, o que abre possibilidades para que, em alguns casos específicos, os seus agentes não necessitem ser portadores de qualificações acadêmicas oficiais”. A catequese se coloca próxima destas características.

A característica da intencionalidade da ação catequética (aprendizado da vida cristã e a inserção do catequizando na comunidade católica) preestabelece-se através das especificidades de cada grupo de ensino. A intencionalidade explícita nas ações decorrentes para o ensino é uma das características da educação não-formal, segundo Stecanella (2008), mas, a educação informal também tem intencionalidade, porém “não tem uma função educativa especificada”, segundo Severo (2015, p. 569).

Ao pensar o processo catecumenal como um todo, observamos que este envolve processos informais de educação nos momentos em comunidade visto que há a intencionalidade de transmissão do que é “ser cristão”, sem que a função educativa esteja explícita necessariamente. Mas deve-se pensar que ele também envolve processos de educação não-formal no momento em que ocorre a catequese, isto é, no sentido estrito de encontros entre catequizandos e catequistas para o ensino da vida cristã.

Um aspecto que nos permite pensar a catequese como educação não-formal é que o processo de educação para a fé da Igreja tem uma estrutura gradual, que acontece através do planejamento de etapas para a iniciação cristã. Estas etapas acompanham o ano litúrgico e, a partir dele, propõem ritos que envolvem os catequizandos com a vivência da cultura católica e com a comunidade, os quais são organizados de acordo com a progressividade da catequese.

As etapas que envolvem a catequese, a delimitação de seus tempos, espaços e conteúdos são norteados pela Igreja Católica que também orienta para que estes aspectos sejam flexibilizados para atender as necessidades da comunidade onde estiver sendo organizado este processo.

A centralidade dos conteúdos da catequese na vida de Jesus Cristo e o uso da Bíblia como principal instrumento de evangelização, juntamente às outras características mencionadas, nos permitem pensar a catequese como uma forma de educação estruturada e fundamentada. Por isso, ela pode ser entendida como um exemplo de educação não-formal. A partir de agora, aspectos mais específicos sobre a catequese e o processo catecumenal serão abordados.

2. Características da educação promovida pela catequese

A catequese é uma prática histórica, institucionalizada pela Igreja Católica, com o objetivo de promover a aprendizagem para a vida na comunidade cristã. Por isso, é entendida pela Igreja Católica como processo de iniciação, de formação da base para a vida cristã. Ela deve acontecer buscando, como num ato pedagógico, a conscientização dos catequizandos sobre o que é ser cristão, para atuarem como tal.

O Catecismo da Igreja Católica apresenta conceito de catequese como “o conjunto de esforços empreendidos na Igreja para fazer discípulos” (CIC, n. 4). O Diretório Geral para a Catequese³, complementando, toma o “conceito de catequese como escola da fé, como aprendizado e tirocínio de toda a vida cristã” (DGC, n.30). Enfatiza também que a catequese é “a missão evangelizadora da Igreja” (DGC, n. 59), ligada à ação litúrgica e sacramental, sendo fundamental para a iniciação cristã (DCG, n. 66).

Ainda segundo o mesmo documento, o “momento da catequese é aquele que corresponde ao período em que se estrutura a conversão a Jesus Cristo, oferecendo as bases para aquela primeira adesão” (DGC, n. 63). Este momento de formação, ainda segundo DGC, tem como características ser gradual e progressivo, acontecer mediante o anúncio dos fatos e das palavras da Revelação (história da vida, morte e ressurreição de Jesus Cristo) e da relação entre a vida de Jesus e a vida dos catequizandos. Sua fonte principal é a Palavra de Deus (Bíblia).

Esta definição de catequese pode ser relacionada com os processos educacionais também na medida em que entendemos que,

em sentido amplo, a educação compreende o conjunto dos processos formativos que ocorrem no meio social, sejam eles intencionais ou não-intencionais, sistematizados

³ Diretório Geral para a Catequese: Publicado inicialmente em 1971 pela Congregação para o Clero que, entre outras coisas, cuida da interpretação, observação e promoção da prática catequética, bem como da revisão de documentos da Igreja Católica. Foi reformulado em 1997 após revisão e adaptação.

ou não, institucionalizados ou não. Integra, assim, o conjunto de processos sociais, pelo que se constitui como uma das influências do meio social que compõe o processo de socialização. (LIBÂNEO, 2004, p. 81)

É possível relacionar estes critérios de intencionalidade, sistematização e institucionalização da educação, colocados por Libâneo, com a catequese. Para atender às orientações dadas pela Igreja Católica, expressas nos documentos, o *Catecumenato* deve ser tomado como inspiração para a catequese. Este a apresenta como processo de iniciação Cristã, com o cuidado de que sejam tomadas algumas características fundamentais, seguindo um itinerário pré-estabelecido com momentos importantes que os catequizandos devem vivenciar. Nesta orientação se apresenta a sistematização da catequese.

Os aspectos da institucionalização (feita pela Igreja Católica por ser a promotora da catequese, e entendê-la como ensino para a continuação de seus costumes) e sua intencionalidade (formação cristã), comentadas também pelo autor, já foram anteriormente mencionadas e serão novamente abordadas adiante.

Segundo o Catecismo da Igreja Católica, o catecumenato é a “iniciação à fé e à vida cristã” (CIC, n. 1247). Ele é um itinerário para o “tornar-se cristão” que se realiza desde o tempo dos apóstolos, na formação das primeiras comunidades cristãs. Acontece em busca da união dos catecúmenos/catequizandos com a comunidade eclesial, para a maturidade da fé. É realizado de forma gradual e composto por várias etapas que devem ser perpassadas por elementos como: “o anúncio da Palavra, o acolhimento do Evangelho, acarretando a conversão, a profissão de fé, o Batismo, a efusão do Espírito Santo, o acesso à Comunhão Eucarística” (CIC, n. 1229).

Há algumas características do processo catecumenal que orientam a iniciação cristã. Uma delas, segundo Lelo (2008), é o critério de progressividade. Este critério “orienta e organiza as orações e os ritos preparatórios, bem como fundamenta a qualidade do processo educativo.” (LELO, 2008, p. 27). Para considerar este critério no processo de Iniciação Cristã, a catequese é dividida em etapas organizadas com ritos e celebrações, tornando-se, assim, gradual e processual.

Em comunhão com esta característica, a unidade das etapas dos sacramentos também deve ser observada, ocorrendo a partir de um planejamento das etapas e encontros de catequese, dando atenção também aos critérios de integridade da formação e vinculação com os ritos litúrgicos, segundo DGC (n. 91).

Um outro aspecto ainda apontado por Lelo (2008) é o da Catequese Bíblica, que propõe a catequese baseada na Liturgia da Palavra e em comunhão com o próprio ano litúrgico.

Através dela convida-se a pensar o tempo atual participando da liturgia. Há também a Centralidade Pascal do processo: “a iniciação é compreendida como identificação existencial da pessoa na Páscoa de Cristo. [...] ressalta-se a inserção ou configuração pascal como meta de todo o processo iniciatório” (LELO, 2008, p. 29).

O aspecto comunitário do processo catecumenal é apontado por Lelo (2008) como o “traço mais característico do catecumenato.” A comunidade, que disponibiliza os meios necessários para a catequese, apoia o catecúmeno durante o processo, pois este visa à atuação em comunidade segundo os princípios cristãos e a comunidade – que já atua segundo eles – auxilia no caminho a ser seguido ao ser exemplo e ao acolher o catecúmeno. A convivência comunitária influencia no crescimento do catecúmeno pelo testemunho e, assim, a comunidade também tem responsabilidade de acolher e preparar os catecúmenos, seja no papel de catequista, de padrinhos, de pároco, de família e assim por diante.

Estas características, importantes para o processo de iniciação cristã ao seguir o modelo catecumenal, permitem perceber que a catequese, tendo objetivos definidos, deve seguir um itinerário contendo as características tomadas como fundamentais para atingi-los. Estas características o aproximam da educação não-formal, principalmente ao pensar a catequese conforme as características da educação não-formal já explicitadas.

Mais um exemplo que permite pensar a catequese como educação não-formal é que o catecumenato define os tempos que compõem o processo de iniciação cristã. São eles o pré-catecumenato, o catecumenato, a purificação e a mistagogia. A seguir, busco explicar cada um deles com mais detalhes, partindo de orientações do RICA (2011), do DGC (1971) e de comentadores como Lelo (2008) e Pedrosa et. al. (2004).

O *pré-catecumenato* é tempo no qual ocorre a primeira evangelização/primeiro anúncio (Kerigma) centrado na morte e ressurreição de Jesus Cristo. Esta primeira evangelização ocorre buscando a conversão inicial e também o primeiro contato com a comunidade. A fase pré-catecumenal é concluída com a entrada no catecumenato.

O *catecumenato* é a catequese integral, tempo no qual ocorre a formação cristã por meio das catequese (dispostas em etapas). Nelas, começa a escuta da Palavra de Deus que deve ser relacionada ao ano litúrgico, tornando importante a participação dos catecúmenos nas celebrações. Entre a etapa do catecumenato e da purificação (a seguir) realiza-se a celebração

da eleição⁴, quando os catecúmenos apresentam sua fé esclarecida e a vontade de receber os sacramentos da Igreja.

A *purificação e iluminação* acontecem no tempo de quaresma e é dedicada a preparação mais intensa à páscoa e aos sacramentos de iniciação. Neste tempo os catecúmenos redimem-se do pecado e recebem os 3 sacramentos (batismo, comunhão e crisma/confirmação).

Há também o tempo da *mistagogia*, que deve acontecer após as 3 etapas do processo catecumenal. Este é o tempo de experienciar os sacramentos e de vivenciar a prática destes em comunidade. Após receberem os sacramentos, os catecúmenos consolidam e aprofundam a prática da fé e exercitam as práticas ingressando na nova experiência em comunidade, conhecendo os mistérios celebrados.

A metodologia catecumenal, como é chamada por Lelo (2008), deve ser uma inspiração para a catequese atual, servindo como modelo para a criação de materiais que embasam esta prática atualmente. Ao retomar o catecumenato, a Igreja católica reforça a importância que a Iniciação Cristã tem para a sua comunidade, buscando que a catequese seja significativa e acompanhe o mundo contemporâneo, pois dela depende o fundamento e a continuação da comunidade católica.

O DGC orienta que a catequese se inspire neste modelo, não sendo necessário reproduzi-lo, mas sim, observar a realidade na qual os catequizandos estão inseridos e as características de sua comunidade. Esta característica se complementa com o pensamento de educadores como Paulo Freire, ao abordar a questão dos temas-geradores, por exemplo, que devem ser o ponto de partida para a explicação dos conteúdos a serem apresentados aos educandos.

A Igreja Católica, em seus documentos, aborda a importância de (re)pensar a prática catequética e orienta que a inspiração deste processo deva ser o catecumenato, a metodologia da formação das primeiras comunidades cristãs. No contexto atual da globalização, quer-se voltar à metodologia antiga, pois vários aspectos importantes para a iniciação cristã foram perdidos. A vivência em comunidade é um dos deles.

Este (re)pensar também ocorre pelo fato de que a iniciação cristã, que tinha os primeiros passos na própria família, não é mais abordada nela com a mesma ênfase, sendo necessário que se dê atenção aos processos formativos instituídos pela Igreja (a catequese). A catequese, entendida como iniciação cristã, se coloca junto aos interesses da Igreja Católica, para a continuação da formação de sua comunidade.

⁴ “Chama-se «eleição», porque a admissão feita pela Igreja se funda na eleição de Deus, em nome de quem ela actua” RICA, n. 24

Vários fatores sociais, políticos e culturais contribuem para a mudança da formação das pessoas, inclusive da formação cristã, e isto infere na necessidade de mudanças na catequese. Como aponta Severo (2015), ao abordar que os mesmos fatores contribuem para o desenvolvimento de práticas formativas que envolvam a educação não escolar, na sociedade.

3. Processo educacional catequético como formação humana

Observando que a catequese contribui para a constituição do ser humano (especificamente dos que professam a fé crendo nos preceitos católicos), a entendemos como uma prática formativa, que busca auxiliar na construção de um modo de ser diferenciado, levando a práticas de vida de acordo com o exemplo do ideal que se tem em Jesus Cristo. A catequese é um movimento socialmente construído para a formação e continuação da comunidade católica.

Este pensamento pode se voltar à educação crítica, promotora da prática transformadora da sociedade, ao retomarmos leituras de Paulo Freire (2000), Ana Maria Araújo Freire (2000) e Moacir Gadotti (2007b), nas quais o pensamento do primeiro é abordado, explicando que há um movimento a ser feito para atingir a prática social crítica e consciente. Este movimento ocorre quando houver na sociedade *situações-limite* que necessitem ser vencidas, e forem percebidas criticamente por sua necessidade de serem rompidas.

Ainda, segundo os mesmos autores, para superar esta barreira, devem ser realizados os *atos-limite*, mas isto só acontecerá quando as *situações-limite* forem olhadas criticamente e refletidas, passando a ser o *percebido-destacado*. Este é o que mobiliza para a ação, a partir da qual os sujeitos podem descobrir e atingir o *inédito-viável*.

Ana Maria Araújo Freire (2008) descreve o conceito de *inédito-viável* de Paulo Freire, abordando a característica humana da aprendizagem constante.

O inédito-viável nos diz, claramente, que não há o reino do definitivo, do pronto e do acabado; do nirvana da certeza e da quietude perfeita dos sonhos possíveis. Ele se nutre da inconclusão humana, não tem um fim, um termo definitivo de chegada. É sempre, pois devenir, pois alcançando o inédito-viável pelo qual sonhamos e lutamos, dele mesmo, já não mais um sonho que seria possível, mas o sonho possível realizando-se, a utopia alcançada, ele faz brotar outros tantos inéditos viáveis quantos caibam em nossos sentimentos e em nossa razão ditada pelas nossas necessidades mais autênticas. (FREIRE, 2008, p.233).

Neste movimento que acontece por conta do inacabamento do ser humano, é necessário o constante repensar de cada ação para a significação do que está sendo vivenciado ou aprendido, buscando atingir o *inédito-viável* que promove algo novo no ser humano. O inédito-viável é “o projeto a realizar”, o que é sonhado, que se busca através da ação transformadora (GADOTTI, 2007a, p. 109).

A educação deve contribuir para o educando perceber a realidade, significá-la e, a partir dela, produzir uma prática emancipatória, crítica e consciente e fará isto sendo uma prática problematizadora e libertadora. Esta prática realizada pela educação contribui para a construção de “um outro mundo possível”, segundo Gadotti (2007b, p. 36).

A catequese deve seguir a mesma direção, pois a forma com a qual os catequistas, a comunidade, os materiais formulados para orientar a prática catequética envolvem os catequizandos e produzem sua significação do que é ser cristão, poderá produzir mais ou menos efeito na vida de cada um deles. É necessário que eles percebam o que é o *inédito-viável* do ser cristão e que possam atuar na sociedade buscando-o, como um cristão em constante transformação.

Em *Educar para um Outro Mundo Possível*, Gadotti (2007b, p. 38) aborda a questão da educação como único meio de transformar o mundo.

O mundo é uma construção histórica, humana. Como o mundo foi construído ele pode ser desconstruído e reconstruído. A esperança de mudança não está na auto-regulação de nenhum espírito sobrenatural, mas na forma como os seres humanos constroem coletivamente o seu futuro, uma missão histórica da humanidade como um todo e não a missão de um sujeito ou de uma classe social.

Por isso há a importância da construção da consciência crítica através da educação. A catequese reconhecida como uma prática educativa, popular, pode ser pensada (e repensada) para que o inédito-viável a ser construído sejam os ensinamentos de Jesus, que não era simplesmente submisso a leis, mas buscava interpretá-las de forma correta, criticando os que as utilizavam somente em sua própria vantagem.

“Paulo Freire nos fez sonhar porque falava a partir de um ponto de vista que é o ponto de vista do oprimido, do excluído, a partir do qual podemos pensar um novo paradigma humanitário, o sonho de um outro mundo possível, necessário e melhor” (GADOTTI, 2007b, p.59). Jesus é outro exemplo de pessoa que fez sonhar, pois juntou-se aos oprimidos e buscou dar voz a eles, considerando-os, auxiliando-os. E buscou isso ao mesmo tempo em que buscava que os opressores olhassem para os oprimidos e se juntassem a eles, considerando a

todos de forma única: todos como filhos de Deus e, portando, todos iguais e merecedores dos mesmos direitos.

Neste sentido, a catequese (inspirada no processo catecumenal) pode ser um momento no qual os catequizandos conheçam quem foi Jesus e aprendam sobre ele. Deve realizar-se no sentido de buscar que a partir desta apresentação os catequizandos queiram ser como ele. Para isso é também importante que eles vivenciem algumas experiências seja nas missas, celebrações, encontros da comunidade, ritos da iniciação para que também possam significar o que eles aprendem.

A importância da catequese é que esta possa apresentar este inédito-viável do ser cristão: Jesus. E faz isso tornando-o exemplo maior de cristão, fazendo pensar no que suas ações expressaram. Isto se torna importante, para que por meio deste conhecimento e da vivência em comunidade os catequizandos possam refletir sobre seus próprios atos e, sabendo o que é ser cristão e decidindo por sê-lo, possam expressar esta decisão em seu cotidiano.

Este é o inédito-viável do ser cristão, aquele que busca acolher a todos, busca transformar o mundo desigual em que nos encontramos, busca fazer os opressores entenderem a lógica na qual vivem e entenderem que este não é o ideal de comunidade pensada por Deus e promovida por Jesus Cristo.

Considerações Finais

A partir da concepção de educação apresentada neste artigo buscamos entender a catequese, promovida pela Igreja Católica, como um processo de formação humana direcionado para os que fazem parte da comunidade católica. Este processo de formação é entendido como ação para a transformação de sujeitos inacabados que são passíveis de aprendizagem, a partir da qual podem se reconstruir e, neste caso, constituírem-se cristãos. A catequese poderia então ser entendida como promotora do ensinamento cristão na medida em que este transforma o ser humano em questão (o católico) e este muda sua ação na comunidade.

Com o pensamento de que a “educação – como já vimos – é um fenômeno complexo, multiforme, disperso, heterogêneo, permanente e quase onipresente” (TRILLA, 2008),

buscamos pensar a catequese como um exemplo de prática educacional, apresentando-a, também, como educação não-escolar, informal e não-formal

Fazendo o reconhecimento da catequese como uma das formas de educação e podendo ela, a partir disto, utilizar-se de teorias educacionais para sua reformulação, devemos pensar que sua prática não deve ser meramente doutrinária, mas sim, como aponta a orientação da Igreja Católica, voltada para a prática crítica e consciente na comunidade.

Primeiro, voltada para a prática, pois para ser cristão, mais do que saber falar é necessário saber agir como tal. Segundo, uma prática crítica, pois o cristão deve ser crítico de si mesmo ao deparar-se com as mais diversas situações buscando seguir os ensinamentos cristãos. E também consciente para que não realize ações ou tome decisões somente pensando em seguir um modelo, mas sim percebendo o que está realizando e significando os momentos do qual participa, entendendo a importância de seus atos seja na sociedade ou na comunidade católica.

A catequese deve se valer da educação no sentido de se repensar, buscando estar na vida das pessoas como auxílio para que a religião tenha sentido em suas vidas, para que os ritos dos quais os catequizandos (e os católicos, de forma geral) participam sejam entendidos e vivenciados conforme o seu significado, que não sejam somente tarefas a serem cumpridas. A catequese deve mobilizar os catequizandos a pensarem como pode ser sua vida a partir dos ensinamentos que nela são propostos, como se despertasse o inédito-viável do ser cristão, o desejo de ser aquilo que eles têm como o ideal de cristão.

Referências

CONGREGAÇÃO PARA O CLERO. **DGC - Diretório geral para a catequese**. 1971. Disponível em: <http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/clergy/documents/rc_con_ccatheduc_doc_17041998_directory-for-catechesis_po.html> Acesso em: 20 mar. 2016.

FREIRE, Ana Maria Araújo. Notas. In: FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido**. 7.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra Ltda, 2000.

_____. Inédito viável. In: STRECK, Danilo; RENDIN, Euclides; ZITOTSKI, Jaime. (orgs). **Dicionário Paulo Freire**. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2008.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido**. 7.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.

_____. **Pedagogia do oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 2005.

GADOTTI, Moacir. **A escola e o professor: Paulo Freire e a paixão de ensinar.** São Paulo: Publisher Brasil, 2007a.

_____. **Educar para um outro mundo possível.** São Paulo: Publisher Brasil, 2007b.

IGREJA CATÓLICA. **CIC- Catecismo da Igreja Católica.** São Paulo: Edições Loyola, 2000.

LELO, Antonio Francisco. **Catequese com estilo catecumenal.** 1.ed. São Paulo: Paulinas, 2008.

LIBÂNEO, José Carlos. **Pedagogia e pedagogos, para quê?** 7.ed. São Paulo: Cortez, 2004.

LUCHESE, Terciane Ângela. Caminhos trilhados e sonhados: o projeto político pedagógico para espaços não-escolares. In: **I Seminário Nacional de Educação Não-escolar.** Anais do I Seminário Nacional de Educação Não-Escolar. Caxias do Sul: EDUCS, 2008.

MEDEIROS, Lucineide Barros; ZITOTSKI, Jaime; STRECK, Danilo. Movimentos Sociais/ Movimento Popular. In: STRECK, Danilo; RENDIN, Euclides; ZITOTSKI, Jaime. (orgs). **Dicionário Paulo Freire.** Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2008.

PEDROSA, Vicente M. *et al.* **Dicionário de Catequética.** São Paulo: Paulus, 2004.

ROMÃO, José E. Educação. In: STRECK, Danilo; RENDIN, Euclides; ZITOTSKI, Jaime. (orgs). **Dicionário Paulo Freire.** Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2008.

SEVERO, José Leonardo Rolim de Lima. Educação não escolar como campo de práticas pedagógicas. **Rev. Bras. Estud. Pedagog.** vol. 96, no. 244, Brasília, out./dez. 2015. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2176-66812015000300561&lng=pt&nrm=iso&tlng=en>. Acesso em: 01 abr. 2016.

STECANELA, Nilda. Sair da escola para melhor compreendê-la: trânsitos pelos percursos juvenis não-escolares. In: **I Seminário Nacional de Educação Não-escolar.** Anais do I Seminário Nacional de Educação Não-Escolar. Caxias do Sul: EDUCS, 2008 (p.1-18).

TRILLA, Jaume. A educação não-formal. In: ARANTES, Valéria Amorin (org). **Educação formal e não-formal: pontos e contrapontos.** São Paulo: Summus, 2008.